Todo apoio à revolução do povo líbio contra Kadafi!

Não à ameaça imperialista contra a Líbia!

[págs 12, 13, 14 e 15]

PSTU

Opinião Socialista

WWW.PSTU.ORG.BR NÚMERO 419 ▸ DE 3 A 22 DE MARÇO DE 2011 ▸ ANO 15

R$ 2

66% Feijão

30% Carne

18% Leite

8% Pão francês

Inflação aumenta e salário diminui

[págs 8, 9, 10 e 11]

8 DE MARÇO

Mulheres na luta contra o machismo e a opressão [pág 6]

Veja também: O que é machismo? [pág 7]

NO RIO AGORA O INIMIGO É OUTRO: A POLÍCIA [pág 5]

MOBILIZAR CONTRA OS PLANOS DE ARROCHO DO GOVERNO [pág 16]

PREVENÇÃO – O rei da Arábia Saudita anunciou um pacote de US$ 36 bilhões em ajuda financeira para tentar evitar manifestações que estão derrubando governos árabes. Será que vai dar certo?

PARTO – Uma em 4 mulheres relata maus-tratos durante parto, segundo uma pesquisa da Fundação Perseu Abramo. "Quanto mais jovem, mais escura, mais pobre, maior a violência no parto", constatou uma médica da USP.

GREVE GREGA

No último dia 23, uma nova greve geral de 24 horas paralisou a Grécia contra a dura política de austeridade do governo social-democrata que pretende cortar ainda mais verbas do orçamento público. Durante os protestos, em frente ao Parlamento, em Atenas, policiais foram atingidos por bombas incendiárias jogadas por manifestantes.

PÉROLA

Então morra, minha filha. Morra...

Amazonino Mendes, prefeito de Manaus, respondendo a uma moradora que disse não sair de uma área de risco "porque não tem condições de ter uma moradia digna" (O Globo 22/2)

AMÂNCIO

NA LÍBIA

VOU MORRER COMO UM MÁRTIR!...

NA LÁBIA

VOU ME SACRIFICAR MAIS UMA VEZ!...

PRESIDÊNCIA DO SENADO

Amâncio 2011

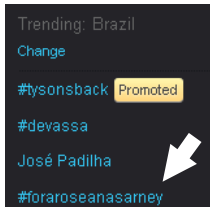
NADA A TEMER?

A ideia de uma "Revolução do Jasmim" se espalhar para além do mundo árabe, derrubando regimes, tem provocado um certo temor entre as ditaduras. Um exemplo é a China. Um porta-voz do regime, Zhao Qizheng, falou que a possibilidade de uma "Revolução do Jasmim" acontecer na China, alimentada pelas recentes convocações de protestos em cidades do país asiático, é "ridícula e nada realista". Outro porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, Ma Zhaoxu, tentou afastar o fantasma de uma revolução: "Ninguém e nenhuma força poderão abalar a aspiração comum do povo chinês a salvaguardar a estabilidade e manter a harmonia", disse. Tais palavras, porém, já foram ditas no Bahrein, Iêmen, Egito e Líbia.

FILME DA REVOLUÇÃO

A revolução do Egito poderá ganhar as telas do cinema nos próximos meses. Foram iniciadas as filmagens de El midaan (A Praça), o primeiro filme egípcio inspirado na recente revolta popular. Segundo o cineasta Magdi Ahmed Ali, diretor do filme, a ideia é relatar a experiência de um cirurgião egípcio despolitizado, que desperta com a revolução que derrubou o regime de Hosni Mubarak.

PSTU COLOCA #FORAROSEANASARNEY NOS TT'S

Após a campanha contra o aumento dos salários dos deputados, o PSTU emplaca mais uma no Twitter. Um protesto iniciado pelo PSTU do Maranhão colocou a hashtag (expressão) #foraroseanasarney no topo dos Trending Topic's Brasil na noite de 1º de março. Isso significa que ela foi a frase mais twittada em todo o país. O governo de Roseana Sarney (PMDB) e o PT estão sendo acusados por desvio de recursos públicos. Ao mesmo tempo, os professores do estado estão em greve.

Trending: Brazil
Change
#tysonsback Promoted
#devassa
José Padilha
#foraroseanasarney

MAPA DA VIOLÊNCIA

O Brasil ocupa o sexto lugar no ranking de homicídios de jovens, com uma taxa de 52,9 homicídios por cem mil habitantes. El Salvador lidera o ranking, seguido por Ilhas Virgens, Venezuela, Colômbia e Guatemala. Os dados referentes ao Brasil são de 2008 e fazem parte do "Mapa da Violência 2011 – Os Jovens do Brasil", divulgado pelo Ministério da Justiça. De acordo com o estudo, a menor taxa de homicídios de jovens é a de Cuba, com 6,7 homicídios por cem mil habitantes. O país ocupa a 31º posição no ranking.

OPINIÃO SOCIALISTA
publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Avenida Nove de Julho, 925 Bela Vista - São Paulo - SP CEP 01313-000
Fax: (11) 5581.5776
e-mail: opiniao@pstu.org.br

CONSELHO EDITORIAL
Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary
EDITOR
Eduardo Almeida Neto
JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana (MTb14555)
REDAÇÃO
Diego Cruz, Gustavo Sixel, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva
DIAGRAMAÇÃO
Victor "Bud"
IMPRESSÃO
Gráfica Lance (11) 3856-1356
ASSINATURAS
(11) 5581-5776 assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas

Endereços das sedes

SEDE NACIONAL

Av. 9 de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01313-000 Tel.: (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
***gayslesb@pstu.org.br*
racaeclasse@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - R Dr. Rocha Cavalcante, 556. A Vergel - (82) 3032 5927. *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013. Centro (altos Bazar Brasil). Tel (96) 3224-3499. *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093. *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - R. da Ajuda, 88, Sala 301. Centro. Tel (71) 3015-0010 *pstubahia@gmail.com. Blog: pstubahia.blogspot.com*
CAMAÇARI - R. Emiliano Zapata, s/n - CEP 42800-910. Nova Vitória

CEARÁ

FORTALEZA - R. Juvenal Galeno, 710. Benfica. CEP 60015-340. *fortaleza@pstu.org.br*

JUAZEIRO DO NORTE - Rua São Miguel, 45. São Miguel. Telefone: (88) 8804.1551

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - SCS Quadra 6, Bloco A, Ed. Carioca, Sala 215. Asa Sul. CEP 70.306-000. Fone/Fax: (61) 3226-1016 *brasilia@pstu.org.br. Blog: pstubrasilia.blogspot.com*

GOIÁS

GOIÂNIA - R. 237, nº 440, Qd. 106, Lt- 28, Casa 014, CEP 74605-160. Setor Universitário. Tel (62) 8426 4966. *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - Av. Newton Bello, 496, Sala 10. Monte Castelo. Tel (98) 8812-6280/8888-6327. *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165. Jd. Leblon. CEP 78060-010. Tel (65) 9956-2942/9605-7340

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921. Vila Planalto. Tel (67) 3331-3075/9998-2916. *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE - R. da Bahia, 504, sala 603 - Centro (31) 3201-0736. *bh@pstu.org.br. Site: minas.pstu.org.br*

BETIM - (31) 9986.9560

CONTAGEM - R. França, 352, sala 202. Eldorado. Tel (31) 2559-0724

JUIZ DE FORA - Travessa Dr. Prisco, 20, sala 301. Centro. *juizdefora@pstu.org.br*

UBERABA - R. Tristão de Castro, 127. Tel (34) 3312-5629. *uberaba@pstu.org.br*

UBERLÂNDIA - (34) 8807.1585

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*

ALTOS - Duque de Caxias, 931. Altos. Telefone: (91) 3226.6825 (91) 8247.1287.

SÃO BRÁZ - R. 1º de Queluz, 134. São Braz. Telefone: (91) 3276-4432.

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - Av. Sérgio Guerra, 311, sala 1. Bancários. Tel (83) 241-2368. *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - Av. Luiz Xavier, 68, sala 608. Centro. *curitiba@pstu.org.br*

MARINGÁ -Rua José Clemente, 748, Zona 07. CEP 87020-070. Tel (44) 9111 3259. *Blog: pstunoroeste.blogspot.com*

PERNAMBUCO

RECIFE - R. Santa Cruz, 173, 1º andar. Boa Vista. Tel (81) 3222-2549. *pernambuco@pstu.org.br. Site: www.pstupe.org.br.*

PIAUÍ

TERESINA - R. Quintino Bocaiúva, 421. *teresina@pstu.org.br. Blog: pstupiaui.blogspot.com*

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO - R. da Lapa, 180. Lapa. *Tel (21) 2232-9458. riodejaneiro@pstu.org.br. Site: rio.pstu.org.br*

DUQUE DE CAXIAS - Av. Brigadeiro Lima e Silva, 2048, sala 404. Centro. *d.caxias@pstu.org.br*

NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633/308. Centro. *niteroi@pstu.org.br*

NORTE FLUMINENSE - R. Teixeira de Gouveia, 1766 - Fundos. Centro. CEP 27916-000. Macaé (RJ). Telefone: (22) 2772.3151

NOVA FRIBURGO - R. Guarani, 62. Cordueira. Telefone: (22) 2533-3522

NOVA IGUAÇU - R. Barros Júnior, 546. Centro

VALENÇA - R. 2, 153 - BNH. João Bonito. CEP: 27600-000. Telefone: (24) 2452 4530. *sulfluminense@pstu.org.br*

VOLTA REDONDA - R. Neme Felipe, 43 - Sala 202. Aterrado. CEP 27.215-090. Telefone: (24) 3112.0229. *sulfluminense@pstu.org.br*

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL - R. Apodi, 250. Cidade Alta. Telefone: (84) 3201 1558. *natal@pstu.org.br. Blog: psturn.blogspot.com*

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE - R. General Portinho, 243. Porto Alegre. Tel (51) 3024.3486/3024.3409. *portoalegre@pstu.org.br. Blog: pstugaucho.blogspot.com*

GRAVATAÍ - R. Dinarte Ribeiro, 105. Morada do Vale I. Tel (51) 9864 5816

PASSO FUNDO - Av. Presidente Vargas, 432 sala 20. Galeria Dom Guilherm. Tel (54) 9993 7180

SANTA CRUZ DO SUL - Tel (51) 9807 1722

SANTA MARIA - Tel (55) 9922.2448

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - R. Nestor Passos, 77. Centro. Tel (48) 3225-6831 *floripa@pstu.org.br*
CRICIÚMA - Rua Imigrante Meller, nº 487. Pinheirinho. Tel (48) 3462-8829/9128 4579. CEP: 88805-085 *pstu_criciuma@yahoo.com.br*

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*

CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248. São Bento. Tel (11) 3313-5604

ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18. São Miguel. Tel (11) 7452-2578

ZONA SUL - R. Amaro André, 87. Santo Amaro. CEP 04753-010. Tel (11) 6792-2293.

ZONA OESTE - R. Belckior Carneiro, 20. Próximo à estação Lapa da CPTM. CEP 05068-050. Tel (11) 7071-9103.

BAURU - R. Antonio Alves, 6-62. Centro. CEP 17010-170. *bauru@pstu.org.br*

CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786

Tel (19) 3201-5672. *campinas@pstu.org.br*

FRANCO DA ROCHA - Av. 7 de Setembro, 667. Vila Martinho. *educosta16@itelefonica.com.br*

GUARULHOS - R. Harry Simonsen, 134 - Fundos. Centro. Telefone: (11) 2382-4666. *guarulhos@pstu.org.br*

MOGI DAS CRUZES - R. Prof. Floriano de Melo, 1213. Centro. Tel (11) 9987-2530. *saopaulo@pstu.org.br*

PRESIDENTE PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 101, Sala 05. Jardim Caiçara. Tel (18) 3221-2032

RIBEIRÃO PRETO - R. Monsenhor Siqueira, 614. Campos Eliseos. Tel (16) 3637-7242. *ribeirao@pstu.org.br*

SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Carlos Miele, 58. Centro. Telefone: (11) 4339-7186. *saobernardo@pstu.org.br Blog: pstuabc.blogspot.com*

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - R. Sebastião Humel, 759. Centro. Tel (12) 3941-2845. *sjc@pstu.org.br*

EMBU DAS ARTES - Av. Rotary, 2917 - sobreloja. Pq. Pirajuçara. Telefone: (11) 4149-5631

JACAREÍ - R. Luiz Simon, 386. Centro. Tel (12) 3953.6122

SUZANO - Tel (11) 4743-1365. *suzano@pstu.org.br*

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto, 1538-b. Conjunto Orlando Dantas. Telefone: (79) 3251-3530. *aracaju@pstu.org.br*

Dois meses de Dilma

O governo Dilma tem o apoio da maioria dos trabalhadores e jovens do país. Aproveitou a popularidade de Lula e fez uma campanha prometendo nada menos que acabar com a miséria no país.

Depois de dois meses de governo, já se pode notar algumas características. Nenhuma delas confirma as esperanças dos trabalhadores e muito menos as promessas eleitorais de Dilma.

EM PRIMEIRO LUGAR, A INFLAÇÃO

Hoje o povo pobre está se dando conta de que algo diferente começa a acontecer: a volta pouco a pouco da inflação. Alguns dos alimentos e serviços que mais pesam no bolso dos trabalhadores estão disparando. O preço dos transportes subiu em algumas capitais mais que o dobro da inflação nos últimos 15 anos. Os aluguéis também estão subindo muito. O feijão, parte da mais popular dobradinha da culinária brasileira (arroz com feijão), aumentou 66%.

A inflação não é um fenômeno da natureza, como as chuvas e enchentes. É o resultado de decisões das empresas e do governo. O aumento atual dos preços é uma consequência da dependência do país do mercado mundial, por conta de abertura da economia feita pelos governos de FHC e Lula, e agora por Dilma. Como o preço dos alimentos está subindo muito lá fora, aqui também tem de aumentar, ainda que sejam produzidos (como são) aqui mesmo no Brasil. A inflação é uma forma de arrocho salarial, porque reduz o poder de compra real dos salários.

Dilma e os parlamentares não sentem a inflação em seus bolsos porque reajustaram seus salários em 132% e 62%, respectivamente. As grandes empresas repassam seus custos por meio de novos aumentos em seus preços. Só os trabalhadores não podem decidir sobre seus salários, e agora já estão vendo os reajustes obtidos nas campanhas salariais serem engolidos pela inflação.

A imposição do novo salário mínimo de R$ 545 completou a primeira grande lição aos trabalhadores brasileiros sobre quem é Dilma. Se depender do governo, a inflação vai reduzir o salário real de todos. Aliás, de todos não, só da imensa maioria do povo brasileiro que depende de seu salário e não pode decidir sobre o valor do mesmo, ao contrário dos parlamentares e da presidente.

Quem sai ganhando então? As grandes empresas, que vão manter trabalhadores com salários arrochados e defender seus lucros reajustando seus preços. Essa é a resultante destes dois meses do governo Dilma.

EM SEGUNDO LUGAR, OS CORTES NO ORÇAMENTO

Quem olha a economia brasileira vê um crescimento importante (acima de 7%) no PIB, baseado na forte ampliação dos lucros das grandes empresas. Qual a justificativa real então para o governo fazer um corte recorde no orçamento de R$ 50 bilhões?

Esse corte vai afetar diretamente os gastos sociais, incluindo uma redução drástica de R$ 5 bilhões no programa Minha Casa, Minha Vida, justamente o contrário da propaganda eleitoral de Dilma. Vai atacar o funcionalismo público com a suspensão dos concursos e nomeações e a ameaça de congelamento salarial.

A única justificativa real para esse corte é garantir a meta de superávit primário de 3,1% do PIB. Isso significa que o governo gasta menos do que arrecada para poder pagar a dívida pública aos banqueiros. Ou seja, Dilma está optando por cortar gastos com os planos sociais e salários do funcionalismo para aumentar ainda mais os lucros dos banqueiros. Ou seja, garantir o apoio do capital financeiro a seu governo, atacando o nível de vida dos trabalhadores. Em 2010, o Itaú registrou o maior lucro da história bancária, com mais de R$ 13 bilhões. O Bradesco lucrou R$ 10 bilhões. Em 2011, seguramente baterão novos recordes históricos de lucros.

> A única justificativa real para esse corte é garantir a meta de superávit primário. Isso significa que o governo gasta menos do que arrecada para poder pagar a dívida aos banqueiros

Os ativistas que estão à frente dos movimentos sociais podem começar a refletir sobre este início do governo Dilma. Inflação significa arrocho salarial para os trabalhadores. Corte no orçamento significa redução nos gastos sociais. Esses dois movimentos têm um profundo impacto no caráter do governo Dilma.

A revolução árabe está sacudindo todo o mundo. Pode também inspirar rebeldia nos ativistas que estiveram iludidos com o governo Dilma. O PSTU chama todos a começar a preparar as lutas em defesa dos salários e dos direitos dos trabalhadores. ■

Consolidar a independência, a democracia e a luta no movimento estudantil

Anel vai realizar seu primeiro congresso em junho. É preciso desde já construi-lo nas lutas

CAMILA LISBOA,
da Secretaria Nacional da Juventude do PSTU

Na primeira declaração oficial da nova presidente Dilma Rousseff, estudantes e professores foram especialmente saudados e ouviram dela "a reafirmação de seu compromisso com a luta por uma educação de qualidade". Suas propostas partem da compreensão de que os oito anos de governo Lula promoveram grandes transformações na educação. A campanha eleitoral não negava que o objetivo de Dilma seria continuar a implementação dos projetos educacionais do governo anterior. Muitos jovens estudantes e trabalhadores votaram nela acreditando que o melhor caminho para a educação brasileira é o que foi traçado por Lula e incorporado por Dilma. Mas será mesmo?

O NOVO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O início de 2011 tem sido marcado por debates no movimento ligado à educação sobre o novo Plano Nacional de Educação (PNE 2011-2020). Este plano nos obriga a observar o que aconteceu com as metas da edição anterior (2001-2010), e qual é a responsabilidade do governo Lula na (não) implementação de tais metas.

Após oito anos, o analfabetismo continua com a elevada taxa de 10%. Dados de 2010 também revelam que de cada 100 estudantes, apenas 54 concluem o ensino médio. Em relação ao financiamento, é possível dizer que, em oito anos, o governo Lula ampliou o que deveria ter sido ampliado em apenas um ano (0,5% do PIB), segundo as metas do PNE de 2001. Sobre o acesso ao ensino superior, mesmo com a implementação de projetos como o Reuni e o Prouni, a porcentagem de jovens não passa de 14% (a meta do antigo PNE era de 30%).

A grande conclusão destes últimos dez anos é que dois terços das metas não foram atingidas. É com esse balanço que questionamos os objetivos do novo PNE. Não há nenhum pronunciamento do governo em relação ao desastroso balanço das metas anteriores, e muito menos sobre as formas de viabilizar as "erradicações" e as "universalizações" previstas no novo plano.

Ano começa quente nos atos contra o aumento da passagem

O que o governo não mostra

METAS PNE 2001-2010	RESULTADOS APÓS DEZ ANOS
Erradicar o analfabetismo	Taxa de analfabetismo entre os jovens: 10% (Fonte: Revista Educação, nº 3)
30% dos jovens com acesso ao ensino superior	13,7% dos jovens têm acesso ao ensino superior (Fonte: MEC)
Repassar 7% dos recursos do PIB para financiar a educação, ampliando 0,5% por ano	Em oito anos, o aumento no repasse foi de apenas 0,5 - de 4,1% para 4,6% (Fonte: MEC)
Reduzir em 50% a repetência e a evasão	De cada 100 estudantes, apenas 54 concluem o ensino médio (Fonte: Revista Educação nº 3)

AS MEDIDAS DO GOVERNO DILMA

Ao somar o balanço dos últimos oito anos às medidas já tomadas, vemos que a educação passará longe de ser prioridade. Em apenas dois meses, Dilma já anunciou um corte de R$ 50 bilhões no Orçamento Geral da União, e de R$ 1,3 bilhão no orçamento da educação, o que pode significar uma redução de 10% no orçamento das universidades federais.

O funcionalismo público federal inicia o ano organizando lutas impostas pelas medidas do governo, entre elas, a limitação nos gastos com salários, demissões por insuficiência de desempenho e a MP 520, que prevê a desvinculação dos hospitais universitários das universidades.

O ANO COMEÇA QUENTE

Em função desses ataques, a Fasubra (Federação de Sindicatos de Trabalhadores em Educação das Universidades Brasileiras) já votou indicativo de greve para 28 de março. Como fizemos na luta contra a reforma da Previdência em 2003, é muito importante que a unidade entre trabalhadores e estudantes se estabeleça e potencialize a defesa da educação pública.

As lutas contra os aumentos das passagens de ônibus devem esquentar o início das aulas nas escolas e universidades. No dia 17 de fevereiro, a Anel organizou atos em todo o país, ligando a denúncia do aumento das passagens com a luta pelo passe livre nacional.

As consequências da implementação do Reuni podem se transformar em mobilizações ligadas à assistência estudantil e à falta de professores. As lutas contra o corte de verbas da educação nos estados também podem estar na agenda deste ano.

CONSTRUIR O CONGRESSO DA ANEL NAS LUTAS

Entre os dias 23 e 26 de junho, vai ocorrer o Primeiro Congresso da Anel. O movimento estudantil combativo tem uma importante tarefa: eleger delegados pelo Brasil por meio do debate sobre a necessidade de um projeto de educação voltado aos interesses da classe trabalhadora e da juventude.

Concretizar essa tarefa significa estar presente em cada processo de luta, mostrar a relação com os projetos educacionais dos governos federal e estadual e apontar a necessidade de articular essas lutas através de uma entidade forte, independente e democrática.

CONGRESSO DA ANEL X CONGRESSO DA UNE

Neste ano vão ocorrer dois congressos estudantis. O congresso da Anel visa consolidar concepções de luta por uma educação pública, gratuita e de qualidade através da organização independente, com democracia e pluralidade, em aliança com a luta dos trabalhadores.

Já o congresso da UNE vai ser mais um jogo de cartas marcadas, como os muitos que ocorreram no governo Lula. Uma grande festa governista para anunciar o suposto apoio dos estudantes brasileiros às medidas do governo Dilma.

Os estudantes brasileiros têm história, opinião e sabem que, ao se aliar aos trabalhadores, podem interferir nos rumos do nosso país. É isso que nos faz apostar na capacidade de o congresso da Anel expressar e articular as lutas. Por isso, contamos com a presença de todos os lutadores neste importante momento da história do movimento estudantil brasileiro. ■

Anel realiza seminário de educação

Com o objetivo de contribuir nas elaborações sobre o Plano Nacional de Educação e na definição de qual plano a sociedade brasileira precisa, a Anel reuniu estudantes, intelectuais e dirigentes sindicais interessados no tema. A conclusão do seminário foi a necessidade de combater os projetos que nos últimos anos consolidaram os caminhos da privatização, precarização e descaracterização da educação no seu sentido público, gratuito e de qualidade. Para isso, foi ressaltada a importância da unidade entre trabalhadores e estudantes e entre os movimentos sociais.

Tropa de elite da corrupção

Crise na cúpula da polícia desmascara política de segurança pública do governador Sérgio Cabral

CYRO GARCIA, do Rio de Janeiro

Apesar do sucesso de público dos filmes Tropa de Elite I e II, não existe obra de ficção capaz de superar a realidade que ocorre na polícia do Rio de Janeiro. No final do ano passado, a capital e várias regiões do estado foram surpreendidas por ataques promovidos supostamente por traficantes. Estes episódios provocaram a ocupação militar dos complexos da Vila Cruzeiro e do Alemão, ambos localizados na Zona da Leopoldina da cidade do Rio. A ação chegou a ser chamada de "dia D" da polícia do Rio de Janeiro e contou com grande apoio da população.

Já naquele momento, o sociólogo e professor da Universidade Federal Rural do Rio (UFRRJ) José Cláudio Souza Alves analisava o que estava por trás da ação. Segundo ele, o que estava ocorrendo era uma reorganização do crime organizado no Rio com um claro objetivo de enfraquecer a facção do Comando Vermelho, que dominava os complexos citados, em favor da facção Terceiro Comando e das milícias formadas por policiais civis e militares.

A ocupação dos complexos acabou se tornando uma variação da política das UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora), que representam uma ocupação de comunidades com prévio aviso aos traficantes. Assim, o tráfico simplesmente mudava de endereço, provocando uma perda de território do crime.

Na verdade, o que houve foi uma troca da opressão dos traficantes pela praticada por polícia e exército. Denúncias de roubo e desrespeito aos mais elementares direitos dos moradores por parte dos policiais foram fartas. O advogado e membro da OAB Aderson Bussinger relatou: "Pude pessoalmente ouvir relatos de torturas praticadas por policiais, inclusive tendo como vítimas jovens e o caso de um deficiente físico que apanhou muito dos policiais somente porque tremia, o que foi interpretado como culpa. Pude também ouvir denúncias sobre a apreensão de motocicletas que, na verdade, em sua maioria, não eram de traficantes, mas de simples moradores que fazem o trabalho de mototáxi na favela. Ouvi também de um irmão de um preso que o retrato deste foi exibido nos jornais e televisão, tendo, posteriormente, sido apurado que não era traficante. Ocorreram muitas e muitas invasões de casas, com arrombamentos que deixaram as crianças traumatizadas até hoje."

Ao se pronunciar sobre as denúncias dos moradores, o secretário de Segurança, José Mariano Beltrame, afirmou que "uma minoria de maus policiais não pode manchar o sucesso da operação."

CABEÇAS DA POLÍCIA CIVIL. Allan Turnowski (da esquerda) concede medalha de fidelidade à instituição ao delegado Carlos Oliveira. Ambos foram flagrados pela PF

TODA BANDA PODRE

Recentemente, a "Operação Guilhotina" da Polícia Federal jogou luz sobre a verdadeira essência da política de segurança da dupla Cabral/Beltrame. A operação desbaratou uma quadrilha que tem como líder o subchefe operacional da Polícia Civil, o delegado Carlos Oliveira, homem de confiança de Allan Turnowski, chefe dessa polícia. A quadrilha é acusada de vender armas apreendidas de traficantes para membros de outra facção, passar aos criminosos dados de operações policiais e controlar a milícia da Favela Roquete Pinto, situada na Zona da Leopoldina, próxima ao Complexo do Alemão. Segundo escutas telefônicas da Polícia Federal, a quadrilha chamou a ocupação do complexo de "garimpo da Serra Pelada" e ofereceu um serviço, com ajuda de informantes, no qual eles indicariam onde estavam os esconderijos do tráfico. Em troca, pediram 30% de tudo que fosse encontrado.

> Segundo escutas telefônicas da PF, uma quadrilha ligada à cúpula da polícia chamou a ocupação do Alemão de "garimpo da Serra Pelada"

Como se não bastasse, o próprio chefe da Polícia Civil, homem de confiança de Beltrame, foi acusado por uma testemunha de receber propina de contraventores e de uma quadrilha de contrabandistas que atuaria no comércio popular do Rio de Janeiro. Diante de tudo isso, Turnowski foi demitido.

No último dia 6, mais de 300 policiais, com apoio de blindados da Marinha, ocuparam nove comunidades de Santa Teresa e do Complexo do São Carlos, onde posteriormente será instalada pelo menos mais uma UPP. A PF teria flagrado policiais desviando fuzis, drogas e munição dos traficantes, como ocorreu no Alemão.

A tentativa de Beltrame de responsabilizar uma minoria de maus profissionais beira o ridículo, quando são identificados delegados da cúpula envolvidos em ações criminosas.

A FARSA DA CIDADE PACIFICADA

A política de segurança de Cabral e Beltrame é genocida e fascista, pois criminaliza a pobreza, impondo uma pena de morte informal à juventude negra das comunidades carentes. Também mantém uma relação promíscua com o tráfico e as milícias, e se baseia única e exclusivamente na repressão.

Entendemos que a política das UPPs é uma farsa com o objetivo de dar uma falsa sensação de segurança, principalmente na Zona Sul e nas comunidades do Centro e da Tijuca, visando a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016.

Se quisermos de fato dar uma resposta à questão da segurança, temos de assegurar educação, saúde, emprego e moradia digna para o conjunto da classe trabalhadora. Isso é o oposto da política do governo Dilma, que anunciou cortes drásticos nas áreas sociais.

É preciso desmilitarizar a PM e manter uma única polícia com salários dignos e direito a greve e sindicalização. É preciso fazer uma devassa na atual polícia, mantendo apenas aqueles policiais que não tiveram envolvimento em qualquer tipo de crime, além de realizar concurso público rigoroso para a contratação de novos policiais. É preciso que os delegados sejam eleitos pelas comunidades e que seus mandatos sejam revogáveis caso sua conduta não se paute pela observação e preservação dos direitos dos trabalhadores.

Por fim, é necessária uma discussão séria e responsável para descriminalizar as drogas, pois seu tráfico alimenta o tráfico de armas, e a descriminalização acabaria dando um golpe mortal em ambos. ■

Operação no Rio em novembro de 2010

Mulheres trabalhadoras em luta contra o machismo e a exploração

ANA PAGAMUNICI,
da Secretaria Nacional de Mulheres do PSTU

O dia 8 de março é o Dia Internacional de Luta das Mulheres. A data foi criada em 1910, por iniciativa da socialista Clara Zetkin, em referência às 129 trabalhadoras assassinadas da fábrica Cotton, nos Estados Unidos, em 1857.

Para as mulheres trabalhadoras, a data ganhou ainda mais sentido quando, em 8 de março 1917, as mulheres da Rússia saíram às ruas exigindo "paz, pão e terra" e ajudaram a detonar a revolução socialista no país.

A LUTA DAS MULHERES HOJE

A crise econômica mundial tem promovido uma escalada de ataques à classe trabalhadora, particularmente às mulheres. Em 2008, nos EUA, a contratação de trabalhadoras pelas montadoras de automóvel, em condições de precaridade e com menos direitos, tornou-se fundamental para amenizar os efeitos da crise. Na França, em 2009, o aumento da idade para a aposentadoria e a retirada de direitos dos servidores públicos também serviram para apressar uma recuperação parcial do capital, mas os conflitos continuam.

O que está em curso é uma política internacional de mudanças nas relações de trabalho, uma tentativa de estabelecer uma enorme precarização do trabalho (como na China) no mundo todo, em que os trabalhadores possam ganhar menos e os patrões, mais.

Os efeitos da crise também promoveram em escala mundial o aumento dos preços dos alimentos e o desemprego. As mulheres são as mais afetadas pelos efeitos da crise, pois representam quase 40% da população economicamente ativa, ganham os menores salários e são quase 70% dos mais pobres do mundo.

No Brasil, a crise internacional ainda não teve os mesmos efeitos. Mas o atual ciclo de crescimento não resultou em uma melhora de vida para as mulheres. É o contrário. O governo sustenta o país com o aumento da exploração dos trabalhadores. Contratam-se pessoas, mas os salários estão menores, com menos direitos. As mulheres são utilizadas para regular o preço da mão de obra, porque são mais "baratas" e ganham até 30% menos que um homem para uma mesma função. Isso piora muito quando falamos das mulheres negras.

O aumento dos preços dos alimentos, da tarifa de transporte, de energia e de, modo geral, da carestia de vida em nosso país tem colocado maiores dificuldades à vida das mulheres. De acordo com os dados da PNAD (2010), no Brasil, as mulheres são a maioria da população (52%). Também estudam mais que os homens, mas estão nos postos de trabalho com menor remuneração.

Detalhe da marcha no 8 de março de 2008

A ELEIÇÃO DE UMA MULHER À PRESIDÊNCIA

A eleição de uma mulher à Presidência da República e, com ela, o aumento da presença feminina nos ministérios, não pode ser tratado como um fato menor. Estamos em um país no qual uma mulher é vítima de violência a cada dois minutos. E, a cada duas horas, morre uma vítima dessa violência. O Brasil é um dos países mais atrasados em direitos e avanços mínimos em relação aos direitos da mulher. Eleger uma delas significa algo importante: que as massas expressam de maneira distorcida o sentimento e a esperança de ver mudanças. No caso de Dilma, como a continuidade de Lula.

Mas os fatos vão demonstrando o que as ilusões ocultam. Dilma foi eleita num contexto de grande retrocesso na consciência. Uma eleição fria, em que predominaram aspectos conservadores e de adaptação à ordem estabelecida. Seu primeiro (des)serviço às mulheres foi ter transformado em moeda de troca uma bandeira histórica das trabalhadoras, a luta pela legalização e descriminalização do aborto. Com a chamada Carta ao Povo de Deus, ignorou as inúmeras que morrem todos os dias vítimas de procedimentos mal sucedidos e se dirigiu à população para se comprometer com os setores que lucram com a não-legalização do aborto. Lembremos que o aborto é proibido somente para as mulheres trabalhadoras, pois as mulheres burguesas têm dinheiro suficiente para pagar pela intervenção em uma clínica.

Em seguida, sua primeira ação importante como governante foi impedir o aumento do salário mínimo. Dilma defendeu que o reajuste não poderia superar R$ 35 "para não quebrar o país", mas se calou diante do aumento de 62% no salário dos deputados e de 133% para ela própria. Como pode uma mulher eleita com a promessa de melhorar a vida dos mais pobres e honrar as mulheres ser contra um aumento maior do salário mínimo?

Mas Dilma não parou por aí. Através da imprensa, o governo cogita a possibilidade de criar uma idade mínima para aposentadoria - dos homens para 65 anos e das mulheres para 60 anos. Dilma já cortou R$ 50 bilhões do orçamento, retirando dinheiro de áreas essenciais. Suspendeu concursos públicos, que são possibilidades de empregos para as mulheres. E sequer fez algum pronunciamento contra a violência que aflige as mulheres haitianas, vítimas de soldados brasileiros no Haiti.

Tudo isso mostra que não basta ter uma mulher à frente do governo para que os interesses das mulheres trabalhadoras sejam atendidos. Para o PSTU, a eleição da Dilma é a continuidade de um governo que não está a serviço das mulheres trabalhadoras. É uma grande aposta da burguesia, que se apoia na ilusão das pessoas para continuar explorando os trabalhadores.

VIOLÊNCIA, DIREITO À MATERNIDADE E MACHISMO

A última pesquisa da Fundação Perseu Abramo mostra com clareza os índices de violência contra a mulher em nosso país. A cada dois minutos, cinco mulheres são agredidas. A Lei Maria da Penha é insuficiente para resolver isso. Não prevê investimentos na construção de casas-abrigo e punição aos agressores. Mal a lei é aplicada e, quando o é, mostra não ser capaz de resolver a violência, que está ligada muito mais às condições de vida das mulheres.

O Estado também pratica essa violência quando se nega a garantir os direitos básicos às mulheres. O direito à maternidade é um deles. Enquanto o governo proíbe o aborto, não dá garantias para as mulheres que optam pela maternidade. A licença-maternidade de seis meses não vale para todas. Também não há creches para os filhos das mulheres trabalhadoras. Mais de 85% das crianças de 0 a 3 anos estão fora das creches.

NAS RUAS, CONTRA O MACHISMO E A EXPLORAÇÃO

Neste 8 de março, vamos tomar os ensinamentos das mulheres árabes, que estão fazendo revoluções, e sair às ruas contra o machismo e a exploração. Precisamos construir grandes atos para demonstrar nossa força e unidade de ação para enfrentar os governos e patrões. ■

Lutamos por:

- Dobrar o valor do Salário Mínimo rumo ao piso do Dieese (R$ 2,227);
- Salário Igual para Trabalho igual!
- Anticoncepcionais para não abortar. Aborto legal, seguro e gratuito para não morrer!
- Direito à maternidade: a) licença-maternidade de 6 meses para todas as trabalhadoras e estudantes, sem isenção fiscal, rumo a um ano; b) creches gratuitas e em período integral para todos os filhos da classe trabalhadora;
- Pelo fim da violência contra a mulher! Aplicação e ampliação da Lei Maria da Penha! Construção de Casas-abrigo! Punição aos agressores!
- Pelo fim da ocupação militar no Haiti. Fora as tropas brasileiras! Solidariedade e apoio às revoluções árabes!

O que é Machismo

ANA PAGAMUNICI,
da Secretaria Nacional de Mulheres do PSTU

Segundo o dicionário Michaelis, machismo é "um comportamento de quem não admite a igualdade de direitos para o homem e a mulher". No campo político, definir o machismo exige mais complexidade. Para nós, o machismo é uma ideologia criada pela sociedade de classes para manter a propriedade privada, servir à dominação e também à exploração.

UMA FORMA DE OPRESSÃO

Chamamos de opressão toda conduta ou ação para transformar as diferenças em desigualdades, de forma que estas sejam utilizadas para beneficiar um determinado grupo em relação a outro. Quando isso se dá entre brancos e negros, chamamos de racismo. Entre homens e mulheres, denominamos machismo.

A opressão se expressa de várias formas. Na piada que ridiculariza as mulheres por sua condição de mulher: "dirige mal, só podia mesmo ser mulher". Na diferença salarial entre homens e mulheres: hoje, em nosso país, uma mulher ganha até 30% menos que um homem. Na agressão física, verbal ou psicológica. No Brasil, a cada dois minutos, cinco mulheres são agredidas.

UMA IDEOLOGIA

Mas o machismo não é só fruto de uma conduta individual. É uma ideologia, ou seja, um sistema de ideias falsas que criam uma falsa verdade utilizada pelo sistema para manter a dominação e ampliar a exploração. A principal ideia é a de que as mulheres são inferiores aos homens e, portanto, não podem assumir determinadas tarefas ou ter determinados comportamentos.

É através dessa ideologia que se naturaliza o fato de que as mulheres são as "rainhas do lar", têm por obrigação cuidar dos filhos, da casa e dos maridos sem nada receberem por isso. Essa ideologia é transmitida pela escola, pelas famílias, pelas igrejas, pelos meios de comunicação e por todas as instituições que reproduzem o sistema capitalista. De tanto ser reafirmada passa a ser natural, comum, imutável.

No caso de Eliza Samúdio, que se relacionou com o jogador Bruno (que está preso sob a acusação de tê-la matado), a delegada que a atendeu em uma de suas primeiras denúncias de ameaça de morte não enquadrou o caso na Lei Maria Penha, alegando que a lei tinha sido feita para "defender a família". Como ela não se encaixava nos padrões (era uma "maria chuteira"), tratava-se de violência comum. Esse é um bom exemplo de como a ideologia é utilizada e reproduzida.

UMA CRIAÇÃO DA SOCIEDADE DE CLASSES

A opressão (o machismo) não existiu sempre. Foi criada para justificar a divisão da sociedade em classes. Nas sociedades comunistas primitivas, as mulheres, junto com os homens, cuidavam das atividades domésticas e participavam da produção social.

Com o aparecimento da sociedade de classes, a instauração da propriedade privada e a necessidade de acumulação e herança, era preciso dividir as famílias e instituir a monogamia para preservar a propriedade privada. Com isso, as mulheres foram retiradas dos espaços públicos, da produção e da sobrevivência, e jogadas no espaço doméstico. Assim, foram proibidas de trabalhar, estudar e participar de atividades políticas.

O MACHISMO SUSTENTA O CAPITALISMO

A luta das mulheres por igualdade de direitos obrigou o capitalismo a trazer as mulheres para a produção social novamente. A possibilidade de as mulheres se libertarem do espaço doméstico foi uma grande conquista. Mas, como toda conquista no capitalismo, foi por ele apropriada de maneira a favorecer a exploração e seus lucros. E as ideologias que antes eram utilizadas para manter a "mulher no lar" passaram a ser utilizadas para justificar jornadas excessivas de trabalho e salários mais baixos.

Ao mesmo tempo, o capitalismo se apropriou do papel que a mulher cumpria antes, fazer as tarefas domésticas, e o naturalizou. Assim, a mulher manteve a obrigação de cuidar dos afazeres domésticos e também passou a trabalhar fora. Isso faz com que elas tenham dupla ou tripla jornada. E quem se beneficia disso é o capitalismo.

Mão de obra feminina extremamente barata numa fábrica de eletrônicos da China. O machismo servindo aos grandes capitalistas

> O machismo divide a classe trabalhadora, pois desqualifica as mulheres, coloca os homens contra as mulheres e as mulheres contra as próprias mulheres

Essa mecânica é muito positiva para os patrões, pois, enquanto as mulheres cuidam dos filhos e têm essa responsabilidade, o Estado e os patrões se desobrigam e economizam. Não precisam construir restaurantes, creches e lavanderias públicos. Transferem para os trabalhadores - neste caso, mais especificamente, para as trabalhadoras - a responsabilidade que seria do Estado. Trabalham de graça não para o marido, mas para o sistema.

Quando o homem trabalhador trata sua mulher, também trabalhadora, como uma empregada, que tem a obrigação de cuidar das tarefas da casa sozinha, está reproduzindo essa ideologia do patrão, a serviço de manter o lucro dele. Se faz isso de maneira grosseira, usando a violência física ou psicológica, é pior ainda. Reproduz, com o uso da força, o poder da ideologia, deixando claro que as mulheres têm de obedecer e se resignar frente às agressões. Portanto, essa mentira do capitalismo é um falso privilégio para os homens, pois os grandes privilegiados são os patrões.

É certo que os homens podem imediatamente se beneficiar dessa condição. Porém, se são socialistas e querem derrubar o sistema, precisam também enfrentar a mão do capital dentro do lar, porque o que se reproduz não é uma relação entre duas pessoas, mas sim os interesses do capitalismo.

COMBATER O MACHISMO É NECESSÁRIO

Para que a luta contra os patrões e governos seja vitoriosa, ela não pode ser feita com apenas metade dos trabalhadores. Hoje as mulheres já são metade da classe trabalhadora, e no Brasil são a maioria. Não conseguiremos nunca unificar todos os trabalhadores se desqualificamos as mulheres, se não observamos que há demandas específicas, se não incorporamos suas reivindicações e não as ganhamos para a luta.

A ideia de que essa discussão "divide a classe" ou que tem de ser feita "depois da revolução" é falsa e serve apenas para manter o capitalismo. O que divide a classe é o machismo, porque ele desqualifica as mulheres, coloca os homens contra as mulheres e as mulheres contra as próprias mulheres.

SUPERAÇÃO DO MACHISMO É A SUPERAÇÃO DA SOCIEDADE DE CLASSES

Marx, Lênin e Trotsky colocaram a luta pelas reivindicações das mulheres como uma das principais tarefas dos trabalhadores, desde o Manifesto Comunista. Isso continua atual.

É necessário dar um combate permanente ao machismo, dentro dos partidos políticos, das entidades de luta do movimento e em nossa vida cotidiana para que possamos ser vitoriosos.

Mas é também preciso não ter a ilusão de que podemos acabar com ele no capitalismo. Nessa luta temos duas tarefas: combatê-lo, corrigi-lo e buscar evitá-lo com todas as nossas forças. A outra é nos organizarmos, homens e mulheres, para derrotar a sociedade de classes e, com ela, o machismo. ■

Inflação aumenta e gove

DA REDAÇÃO

Os números confirmam o que todo trabalhador já percebe. A inflação voltou e está corroendo os salários. A alta nos preços é generalizada e atinge alimentos, transporte e moradia. No ano passado, o índice IPCA fechou em quase 6%, contra 4,3% em 2009. Mas trata-se apenas de uma média. Qualquer trabalhador e trabalhadora nota nas compras do supermercado que os preços subiram muito mais.

Os alimentos atingiram a maior alta, como é o caso do feijão, que subiu 66%. A carne e seus diversos gêneros aumentaram até 50%. Já o açúcar teve alta de 19,5%, o leite registrou 18,5%, o frango 16% e, finalmente, o pão, com 8% (dados IBGE/FGV). A inflação dos alimentos também encareceu os produtos da cesta básica. Em São Paulo, a cesta aumentou 17% no ano passado.

Outro aumento bastante sentido pela classe trabalhadora foi o das tarifas públicas, como as de ônibus urbanos, e o preço dos combustíveis. Em quase todas as grandes cidades e capitais do país foram registrados "tarifaços", muitas vezes acima da inflação. Em São Paulo, o preço da tarifa do metrô de São Paulo subiu 263% desde 1996, considerando o recente aumento da passagem para R$ 2,90. O reajuste é mais do que o dobro da inflação registrada no período. Nos últimos 15 anos, a inflação medida pelo IPC (Índice de Preços ao Consumidor) foi de 131%. Uma pessoa que usa o metrô duas vezes por dia útil durante 22 dias no mês gasta R$ 127,60, um valor bem salgado para quem recebe um salário mínimo. Em Porto Alegre (RS), a nova tarifa de R$ 2,70 para os ônibus representou um reajuste de 10,20%, bem acima da inflação.

A conta de energia que o brasileiro paga também vai ficar mais cara este ano. Estimativas apontam que o aumento ficará entre 9% e 11%, números que representam o dobro do previsto para a inflação, que deve ser de 4,5% em 2011. Segundo a Associação Brasileira dos Grandes Consumidores de Energia Elétrica (Abrace), o valor da energia estará até 30% mais caro até a Copa do Mundo de 2014.

Os preços dos aluguéis também explodiram. Nos últimos 12 meses, o índice usado como referência para o reajuste, o IGP-M, acumulou alta de 11,3%. No entanto, o valor em algumas regiões é bem mais alto. De acordo com o Sindicato da Habitação de São Paulo (Secovi), nos últimos 12 meses os aluguéis subiram entre 14,6% e 20%.

Outro produto que poderá aumentar nos próximos dias é a gasolina. No último dia 28, o ministro Edison Lobão (Minas e Energia) admitiu a possibilidade de um ajuste nos preços dos combustíveis. O preço do barril petróleo vem subindo nos últimos dias devido a crise política vivida nos países árabes. O aumento dos combustíveis terá efeito imediato, jogado para o alto a inflação.

Cortes no orçamento

EDUCAÇÃO
3,1bi

CIÊNCIA E TECNOLOGIA
953mi

DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO
929mi

VAI AUMENTAR MAIS

O pior é que a inflação vai aumentar ainda mais. Na avaliação oficial do governo, a previsão é de 4,5%. Mas qualquer analista sério já considera algo acima de 6,5%.

Dois fatores motivaram a inflação. O primeiro deles foi a alta valorização dos preços dos produtos primários voltados para exportação, as chamadas "commodities agrícolas". O Brasil é um grande exportador de commodities agrícolas (especialmente cereais, grãos, carnes e açúcar), responsáveis por grande parte do superávit da balança comercial do país. Portanto, qualquer oscilação nos preços dos alimentos em nível internacional influencia diretamente na mesa do trabalhador brasileiro. O segundo fator é a especulação financeira, que cresce na esteira da valorização das commodities agrícolas. O dinheiro liberado pelo governo dos EUA para salvar o sistema financeiro fez explodir a especulação (leia nas páginas 10 e 11).

AJUSTE FISCAL NÃO É A SOLUÇÃO

Enquanto isso, os trabalhadores sentem que os meses estão mais longos e os salários, mais baixos. Além de amargarem o ridículo reajuste de R$ 35 no salário mínimo – enquanto deputados tiveram aumento de 65% em seus salários –, ouvem agora do governo que são necessários "alguns ajustes fiscais" para o país "não quebrar".

A primeira medida do governo foi o corte de R$ 50 bilhões no orçamento. Os cortes de verbas diminuíram drasticamente as verbas para os serviços públicos. Nem o programa Minha Casa Minha Vida escapou. Foram cortados mais de R$ 5 bilhões da verba do programa (40% do total). A educação pública sofreu um corte de R$ 3,10 bilhões. Já os ministérios de Ciência e Tecnologia e do Desenvolvimento Agrário tiveram um corte de quase dois bilhões de reais juntos.

Esses cortes de verbas (o maior da história) significam que, na verdade, vai haver um verdadeiro retrocesso do país no que se refere à educação, saúde, moradia e reforma agrária.

O governo diz que esse ajuste é a única solução para combater a inflação. Também já anunciou elevação na taxa de juros para combater a alta dos preços. Os juros já estão aumentando neste início de ano para satisfazer os já bastante ricos rentistas.

Na verdade, o governo não aumenta mais o salário mínimo porque isso significaria aumentar os gastos do governo e, portanto, diminuir sua capacidade de pagar mais juros. Ou seja, diminuir sua capacidade de transferir recursos públicos para os capitalistas.

É isso que está por trás do ajuste fiscal que está sendo vendido como a única solução para conter a inflação. Ou seja, enquanto banqueiros faturam alto, quem paga a conta pelo aumento de preço são os trabalhadores.

erno ataca trabalhadores

“Não dá pra viver com 545 reais”

GIAMBATISTA BRITO, de Fortaleza (CE)

Na manhã seguinte à votação do aumento do salário mínimo na Câmara dos Deputados, a reportagem do Opinião conversou em um canteiro de obras da Aldeota, bairro nobre da capital cearense. Diante da indignação dos trabalhadores com o aumento ridículo do mínimo, um de nossos camaradas perguntou: “Sabe de quanto foi o aumento dos parlamentares? Sessenta e dois por cento. Esses mesmos 62% aplicados ao salário mínimo dariam em torno de R$ 826. Agora eu pergunto, dá pra uma família viver com pouco mais de R$ 800 sem ter que fazer uma hora extra sequer?”.

Enquanto a maioria respondia “não” a uma só voz, um servente falou: “Agora imagina com R$ 545, não dá pra viver”. E o companheiro tem toda razão. É um grande exercício de abstração imaginar uma família de trabalhadores vivendo dignamente com R$ 545.

A votação do mínimo, além de demonstrar a “força” do governo Dilma, também cumpriu o papel de dar a senha aos empresários para determinar o índice de aumentos de salários. Na mesa de negociação salarial, os mesmos 6% foram apresentados como o limite da patronal, e a única cláusula a mais que os patrões da construção civil se dispuseram a discutir foi sobre fardamento. Isso em um setor que cresce tanto na cidade que chega a importar mão de obra de outros lugares do país, e até mesmo de fora.

Dinheiro não faltou nos bolsos deles nos últimos anos e, pelo que tudo indica, não faltará nos próximos, tendo em vista as inúmeras obras que serão realizadas até a Copa do Mundo de 2014. Mas, como estão seguindo a orientação da presidente, não se dispõem a negociar nada além de míseros 6%.

A indignação com que o ridículo aumento do mínimo foi recebido pelos trabalhadores está sendo minúscula quando comparada ao limite imposto pela patronal. Principalmente quando se leva em consideração o aumento do custo de vida sentido pelos trabalhadores em Fortaleza.

No último dia 23, a prefeitura petista, seguindo a onda nacional de reajuste na tarifa de transporte coletivo, anunciou um aumento de 11,1% na passagem de ônibus. Assim, dos R$ 35 a mais no mínimo nacional, pelo menos R$ 8 irão para os donos das empresas de ônibus da cidade. Se somarmos isso à variação da cesta básica, que em Fortaleza foi de 23,08%, o que sobra do que já era muito pouco é praticamente nada.

É nesse cenário que se abre a campanha salarial de uma das categorias mais combativas na capital cearense, a construção civil, e parece que uma forte greve se aproxima.

Dilma vai fazer nova reforma da Previdência

Proposta é aumentar tempo de contribuição

DA REDAÇÃO

Como parte dos planos de ajuste fiscal do governo, mais um vez vem à tona a notícia de que o governo Dilma vem preparando uma nova reforma da Previdência. Segundo o jornal Folha de S. Paulo de 25 de fevereiro, o projeto está em estudo nos ministérios da Previdência e do Planejamento. A principal mudança se refere à adoção de uma idade mínima para as aposentadorias integrais (por tempo de contribuição) no setor privado.

Segundo o jornal, “a proposta mais forte hoje é 65 anos de idade para homens e 60 para mulheres, no caso dos segurados do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social), que atende aos trabalhadores do setor privado”. De acordo com a proposta, para se aposentar o trabalhador teria que somar numa equação os anos em que contribuiu para a Previdência, mais sua idade. O resultado desta soma teria que ser de 85 anos para mulheres e de 95 para os homens.

Por exemplo, um homem para se aposentar teria que ter 60 anos de idade e 35 anos de contribuição para a Previdência Social. O projeto seria elaborado e apresentado em março para Dilma. Em seguida, partiria para votação no Congresso Nacional.

Como Lula fez em 2003, Dilma pensa em aproveitar os primeiros meses de seu governo, quando ainda tem grande prestígio entre a população, para impor esse brutal ataque aos trabalhadores.

Para justificá-lo, a presidente, assim como seus antecessores Lula e FHC, apresenta o suposto déficit da Previdência para cortar mais um direito dos trabalhadores. O déficit é usado como chantagem para reduzir as aposentadorias. Desta forma, pretende-se acabar ou reduzir o máximo possível a previdência pública, deixando os trabalhadores à mercê das aposentadorias privadas, controladas pelos bancos.

A reforma da Previdência de Dilma é parte do plano de austeridade para salvar os capitalistas da crise. Por outro lado, o projeto desmonta a propaganda do governo de que o Brasil está imune à crise mundial. A reforma da Previdência será mais uma tentativa de fazer o trabalhador pagar pelo futuro agravamento da crise econômica.

Os trabalhadores devem se preparar para lutar e derrotar a reforma da Previdência e o ajuste fiscal do governo. No último dia 24, cerca de 300 pessoas se reuniram em Brasília na plenária convocada pela CSP-Conlutas em conjunto com outras organizações como FST (Fórum Sindical de Trabalhadores), Intersindical, Cobap, MTST e várias entidades sindicais e populares (leia na página 16). O assunto foi a necessidade de unificar a luta dos trabalhadores contra os ataques do governo Dilma. ■

A inflação e a crise econômica atual

JOÃO RICARDO SOARES,
da Direção Nacional do PSTU

Uma insurreição de massas percorre o Norte da África e o Oriente Médio. O eco desta insurreição regional se fez ouvir na Bolívia, com uma greve geral que paralisou o país contra o aumento dos preços dos alimentos e dos transportes, no dia 18 de fevereiro.

A faísca que acendeu o incêndio foi a inflação, em particular a dos alimentos, que está empurrando milhares de trabalhadores para a miséria. Mas qual é a situação da inflação no mundo, quais são suas origens, quem a gera e quais são as consequências?

Partimos da seguinte definição: a inflação internacional, concentrada no setor de alimentos e matérias-primas, é o resultado direto da política do imperialismo norte-americano de exportar sua crise para o resto do mundo. O resultado é o aumento da exploração dos trabalhadores no mundo todo e uma transferência de lucro de outros setores burgueses para o capital financeiro dos EUA.

INFLAÇÃO INTERNACIONAL

Quando os capitalistas criam um processo inflacionário em um país (uma alta generalizada nos preços das mercadorias), ele tem dois efeitos centrais. Primeiro, rebaixa os salários dos trabalhadores, aumentando sua exploração, pois com a mesma quantidade de horas trabalhadas compramos menos, ao mesmo tempo em que expressa a luta entre os capitalistas pela acumulação de capital. Pois quem não consegue repassar os custos de produção tende a quebrar.

Mas uma inflação internacional não é a soma de várias inflações nacionais. Ela se origina no sistema produtivo mundial, em um ramo da economia, como uma alta dos preços de forma acumulativa. Ocorre que nem toda burguesia nacional tem o poder de gerar uma inflação internacional, nem uma economia dominada pode gerar um processo inflacionário internacional. Somente a economia de ponta do sistema (os Estados Unidos) tem esse poder. Mas como e por que a inflação internacional toma conta do panorama econômico e político?

A TEORIA ECONÔMICA BURGUESA E A INFLAÇÃO

Todos os dias somos bombardeados pela imprensa burguesa com a informação de que a alta no preço dos alimentos e dos metais industriais se deve à demanda da economia chinesa. Com uma fome insaciável por alimentos e metais, os chineses puxam os preços para cima.

Outra versão explica a inflação pela quantidade de dinheiro no mercado. A receita manda aumentar os juros, retirando dinheiro de circulação. Assim, o dinheiro vai para aplicações financeiras, o consumo é reduzido e pimba! Está resolvido o problema.

Nessas duas explicações a inflação é tratada como um ser, um ente sobrenatural que não é governado pela ação humana. Sabemos, porém, que no capitalismo o comportamento das classes sociais define, em última instância, o que vai ser feito durante a crise. Os preços sobem porque alguém tomou esta decisão. Por isso, antes de qualquer coisa, temos que discutir as razões desta opção.

A inflação como consequência do "excesso" de moeda é puro engodo. Desde a explosão da crise e da quebra dos bancos norte-americanos o mundo assistiu a um fenômeno oposto, uma paralisia nos empréstimos e uma diminuição das operações de créditos entre os bancos e, portanto, uma diminuição da oferta de dinheiro.

O que explica a quantidade da circulação de moeda é a produção de mercadorias e sua circulação. É a necessidade da circulação e sua velocidade que regulam a quantidade de moeda. A diminuição da produção diminui a quantidade de mercadorias e, portanto, a quantidade de dinheiro para realizar as trocas.

Mas nos dias de hoje não é a moeda impressa a forma principal do dinheiro. São os créditos bancários, as dívidas e o cartão de crédito os principais multiplicadores da "quantidade de dinheiro" nas economias de ponta do mercado mundial.

Com a crise econômica houve praticamente uma paralisia do crédito bancário. Este fator, aliado à superprodução dos principais ramos industriais, fez os preços despencarem, aprofundando a crise. Até agora o principal problema nas economias imperialistas, em particular na dos EUA, não era a inflação, mas a deflação, ou seja, a queda dos preços.

UMA CRISE DE SUPERPRODUÇÃO

Isto é assim porque a crise atual é de superprodução nos principais ramos da economia, o que arrastou

junto o sistema financeiro. Vejamos: a produção de veículos em 2009 caiu em 15 milhões de unidades, a maior queda desde a Segunda Guerra Mundial (em 2008, o mundo havia produzido 70 milhões de veículos).

A capacidade produtiva mundial de automóveis é de 89 milhões de veículos, enquanto o consumo está em cerca de 55 milhões. Ou seja, há uma ociosidade de 35% em nível mundial! Isso significa que a indústria automobilística mundial está trabalhando com apenas 65% da sua capacidade. Nos EUA e na Europa, a utilização da capacidade chegou entre 40% e 30%.[1]

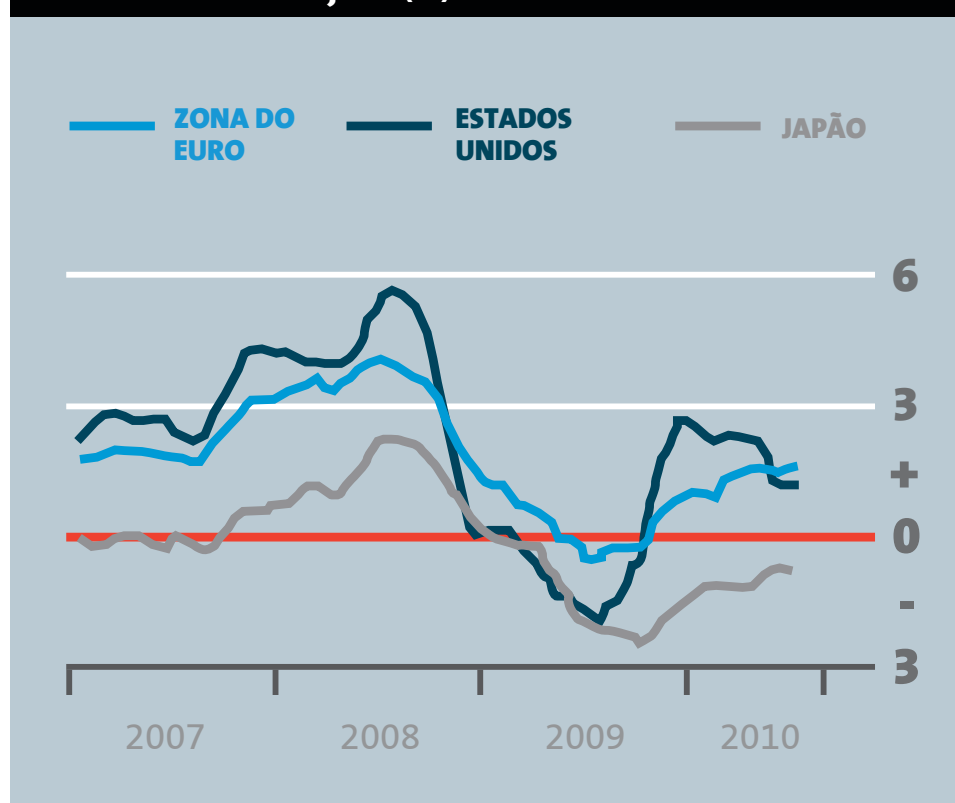
Portanto, não há mercadorias em excesso frente às necessidades de consumo mundial. O problema é que as mercadorias não podem mais serem vendidas com os preços de antes, causando uma queda nos lucros, demissões, menos consumo e diminuição do crédito, aprofundando a crise dos bancos.

A este fator determinante da crise soma-se outro igualmente importante: as dívidas da economia norte-americana, que foram o motor do crescimento econômico. A dívida total dos EUA equivale a 296% do seu Produto Interno Bruto; a dívida total das residências, que mantêm o consumo da classe trabalhadora e, em particular, as hipotecas equivalem a 140% da renda das famílias. A deflação acaba aumentando o valor das dívidas, pois enquanto os preços das mercadorias caem, o valor da dívida das casas e dos cartões de crédito permanece o mesmo. Assim, ela vai se tornando um peso cada vez maior para a retomada da acumulação de capital.

A DEMANDA DA CHINA CAUSA A EXPLOSÃO DOS PREÇOS?

A superprodução mundial nos principais ramos da indústria explica até agora a queda nos preços dos produtos industriais, mas o fenômeno da inflação internacional se concentra em um setor: a produção de alimentos e de matérias-primas para a indústria, que está concentrada nas economias dominadas. Aparentemente seriam estes países os responsáveis pela inflação internacional. Mas a realidade é outra.

Para compreender esse processo são necessárias duas definições prévias. A primeira é a de que o comércio internacional não é realizado entre países, mas entre empresas. A segunda é a de que o mercado mundial é dominando pelo capital financeiro, e no topo está o capital financeiro norte-americano, com seus fundos de investimentos controlando as principais empresas.

Em 2006, os preços dos alimentos começaram a subir. Um ano depois, o preço do trigo subiu 80%, o do milho 90% e o do arroz, 320%. Os levantes populares contra a fome eclodiram em mais de trinta países, e 200 milhões de pessoas enfrentam desnutrição e fome. Jean Ziegler, relator especial da ONU sobre o direito à alimentação, chamou isso de "um silencioso assassinato em massa".

Taxa de inflação (%)

ZONA DO EURO — ESTADOS UNIDOS — JAPÃO

6, 3, +, 0, -, 3

2007 2008 2009 2010

A explicação de que os preços subiram pelo aumento da demanda na China e na Índia é uma mentira: a demanda nesses países caiu 3% no período, e o Conselho Internacional de Grãos afirmou que a produção mundial de trigo aumentou durante o pico de preços.

A explicação para esta subida artificial dos preços, antes da eclosão da crise, se deve ao fato de os capitais dos fundos de investimento norte-americano começarem a migrar da indústria para a produção de alimentos. Assim, 64% dos contratos de produção de trigo estavam nas mãos do capital financeiro, o que explica a explosão no preço do pão, um produto básico na alimentação dos países árabes e do Norte da África.

Com a liquidação do Lehman Brothers, foi possível verificar que o investimento em commodities deste banco saltou de 13 bilhões de dólares para 260 bilhões de dólares entre 2003 e 2008. Assim, como os títulos de hipotecas que giravam nas mãos dos investidores, a produção mundial de trigo em um ano pôde ser trocada 45 vezes exatamente como um título de hipoteca.

De repente, como mágica, os preços dos alimentos caíram para os níveis anteriores de 2008. Mas isso não foi magia. Ocorre que, com a crise das hipotecas, a "bicicleta" parou de pedalar. O capital financeiro diminuiu a compra da produção de alimentos e de ações das empresas que produzem matérias-primas. E, apesar da demanda da Ásia, os preços se estabilizaram.

INFLAÇÃO INTERNACIONAL E DESENVOLVIMENTO DESIGUAL

O atual aumento generalizado nos preços dos alimentos e das matérias-primas é o resultado do mesmo mecanismo que os fizeram subir em 2007-2008, ou seja, uma migração dos capitais para este ramo da economia mundial. Mas agora com um elemento a mais: trata-se de uma decisão política do governo Barack Obama de exportar a crise para o resto do mundo.

Apesar da transferência (através do banco central dos EUA, o FED) de trilhões de dólares para os bancos, não houve nenhum efeito concreto sobre a crise de superprodução. Os bancos apenas cobriram o rombo em seus balanços. Eles necessitam que os lucros das grandes empresas voltem a subir e que o capital volte a se acumular. É sobre esta base que a especulação converte dez em um milhão, através dos títulos das empresas, bônus, hipotecas etc.

Mas, com os preços em queda, a especulação não pode chegar aos patamares de antes. O acumulo de dívidas e o desemprego paralisaram a venda de imóveis, além de diminuir a quantidade de empréstimos. No final de 2010, o FED voltou a injetar 600 bilhões de dólares nos bancos, mas agora com outro objetivo.

Aproveitando-se da desigualdade da economia mundial e da acumulação de capital que segue no leste da Ásia, que demanda matérias-primas e alimentos, o capital financeiro se desloca para esse setor gerando uma nova alta artificial dos preços.

Mas quem fatura com isso não são os países produtores de alimentos e matérias-primas, mas as empresas controladas pelo capital financeiro. A maior fatia dos lucros da Vale e da Petrobras é cotizada na bolsa de Nova York. O comércio mundial de alimentos é controlado por multinacionais como Nestlé, Monsanto e Cargill. Os preços destes bens são definidos nas bolsas de Chicago a partir das ordens de compra dos bancos.

Os preços destes produtos aumentam como uma forma de transferir mais-valia do mundo inteiro para o capital financeiro norte-americano. Desta forma, a conta da crise é repassada para os trabalhadores, que pagam mais caro para se alimentar.

A segunda consequência é uma transferência de parte dos lucros do setor industrial para o setor financeiro norte-americano. Na medida em que parte da produção do leste de Ásia está voltada para a exportação, dificilmente as empresas podem aumentar os preços (como ocorre com o aumento das matérias-primas), pois a concorrência internacional e a superprodução impedem o aumento dos preços industriais na escala necessária.

Para compensar este aumento dos custos e a diminuição dos lucros, os preços no interior da China tendem a subir. A burguesia industrial vai transferir uma parte de seus lucros para o capital financeiro, e dentro dos países para as empresas produtoras de matérias-primas. Mas antes vai descarregar os custos deste ajuste no proletariado.

O FMI "recomenda" o aumento dos juros para a Ásia, o que significa uma "recomendação" para eles absorverem o dinheiro dos bancos norte-americanos, pois a taxa de juros nos EUA segue próxima de zero. "Façam o que o governo Dilma fará no Brasil", dizem.

O aumento das exportações dos EUA para o resto do mundo é o outro efeito desta política. As relações no mercado mundial têm uma hierarquia, e esta hierarquia na época imperialista é determinada pelo controle do capital financeiro e pelo tipo de indústria que é destinada a cada um dos países. A inflação internacional será a expressão da luta pelo controle dos mercados. É uma forma de concorrência entre as burguesias, os setores que não puderem repassar os custos tendem a ficar para trás. Mas, ao repassar os custos para os trabalhadores, a burguesia pode enfrentar um acirramento da luta de classes.

Agora, a chave para os próximos capítulos da crise está na luta entre as classes. A burguesia versus o proletariado, e também a batalha entre as distintas burguesias nacionais, que buscarão preservar os seus lugares na hierarquia do sistema.

1. Nazareno Godeiro, Estudo do ILAESE sobre a industria automobilística.

Líbia a sangue e fogo

Todo apoio aos trabalhadores e ao povo da Líbia

GABRIEL MASSA *

No dia 22 de fevereiro, Muamar Kadafi falou na televisão estatal. Denunciou os "jovens de 16 e 17 anos drogados que assaltam as estações". Assegurou que os rebeldes e os líderes tribais e burgueses da região oriental que os incentivam são a ponta de lança de uma tentativa dos Estados Unidos de voltar a dominar o país como fazia antes de ele chagar ao poder em 1969. Chamou "ao povo que ama Kadafi a sair às ruas" para enfrentar os rebeldes e defender a independência do país e seu líder. É, de fato, um chamado à guerra civil contra os insurretos.

Para começar, Kadafi foi quem permitiu o regresso das petroleiras e demais multinacionais ao país e há tempos deixou de ser um líder antiimperialista. Por outro lado, o que se vê agora na Líbia em meio a sangue e fogo, não são meninos drogados, mas uma revolução que vai libertando regiões conforme avança e enfrenta um verdadeiro massacre perpetrado pelas tropas de Kadafi para conter a rebelião.

Frente à repressão, as massas se viram obrigadas a se organizar em comitês populares e se armar – em muitos casos, unidas a oficiais e soldados que desertaram com armas e bagagens – para poder continuar lutando pela queda do regime, por liberdades democráticas e por respostas à fome, ao desemprego e aos baixos salários.

EM TRÍPOLI, SEGUE A LUTA

O jornal espanhol El País descreveu em 21 de fevereiro a rebelião em Trípoli: "Várias agências informam que alguns edifícios governamentais da capital líbia estavam em chamas esta manhã e que as sedes da televisão e da rádio públicas foram saqueadas e queimadas por uma máfia enfurecida na madrugada passada. 'A Casa do Povo (Parlamento) está em chamas; os bombeiros tratam de apagar o fogo', explicou uma testemunha citada pela Reuters. Al Jazeera informa que a sede central do Governo líbio e o edifício que abriga o Ministério da Justiça em Trípoli também foram incendiados'."

O El País também descreve a repressão: "O que estamos presenciando hoje é inimaginável. Aviões e helicópteros militares estão bombardeando um bairro após o outro', assegurou Adel Mohamed Saleh, um homem que se declara ativista anti-Kadafi. Segundo Saleh, contatado por telefone pela Reuters, os bombardeios acontecem a 'cada 20 minutos e estão produzindo 'muitíssimos mortos' (pelo menos 250 pessoas morreram segundo a rede Al Jazeera)." Informes posteriores elevaram as mortes a mais de 600.

No resto do país, comitês populares armados "libertam" cidades. O correspondente da CNN, Ben Wedeman, que conseguiu entrar na Líbia pela fronteira com o Egito, dizia: "Grupos de homens civis, com armas que vão de escopetas a metralhadoras, guardavam as ruas na Líbia oriental na segunda-feira (21/2), estando os líderes opositores em forte controle de grande parte da região. Grupos oposicionistas formaram 'comitês populares' para manter a ordem de algum modo depois de expulsar as tropas oficiais".

Continua o jornalista da CNN: "Gente da Líbia oriental nos disse que centenas de mercenários da África subsaariana foram mortos ou capturados enquanto lutavam por Kadafi. Líderes opositores dizem que estão preocupados que forças pró-Kadafi possam tentar retomar a área, por isso os homens permanecem armados nas ruas".

RENÚNCIA DE FUNCIONÁRIOS, DIVISÃO E DESERÇÕES NAS FORÇAS ARMADAS

Conforme avança a revolução, acontecem renúncias de altos funcionários do regime. Começando pelo ministro do Interior e general do Exército, Abdel Fattah Younes al Abidi. Depois, renunciaram os ministros da Justiça e das e Emigrações.

Dois pilotos de bombardeiros líbios desertaram em Malta com seus aviões Mirage, no último dia 21. Uma fonte do governo de Malta disse que os pilotos desertaram para não cumprir ordens de bombardear a população civil.

INSURREIÇÃO POPULAR COM ELEMENTOS AVANÇADOS DE DUPLO PODER NAS ZONAS LIBERTADAS

Neste processo, acontece uma unidade de ação muito ampla contra a ditadura, da qual participam trabalhadores, setores populares e, inclusive, com a adesão de setores burgueses, mais oficiais e tropas desertoras das forças armadas, e agora se agregam, também, altos funcionários do regime. Está claro que é necessária a mais ampla unidade de ação com todos os setores, inclusive os burgueses descolados do regime, para acabar com esta ditadura genocida entrincheirada.

O fato de que a única resposta de Kadafi seja bombardear com a força aérea e enviar mercenários para atacar os rebeldes e que o mesmo diga que se "dispõe a morrer", mostra seu desespero frente ao crescimento do bloco de oposição.

Não sabemos quanto vai durar o enfrentamento nem qual será seu resultado, ainda que neste momento a balança se incline claramente em favor das massas. Com uma insurreição na qual se fortalecem os crescentes elementos de duplo poder, inclusive com zonas libertadas que abarcam não só dez cidades, especialmente do lado oriental, mas também vários dos centros de produção e distribuição de petróleo e gás.

É evidente que a tarefa decisiva da revolução agora é derrotar as forças da ditadura em Trípoli e derrubar Kadafi. E, para isso, é fundamental unificar solidamente todas as forças sociais, políticas e militares que sustentam a luta.

Isto não significa, no entanto, que todos os que participam da luta tenham os mesmos interesses ou pensem nas mesmas medidas para quando, depois da queda de Kadafi, se tenha que construir o novo poder para a nova Líbia. Para defender seus interesses, os trabalhadores necessitam de uma organização independente dos burgueses de sua própria direção.

Nós, da LIT-QI, estamos convencidos que essa direção operária deveria ter como norte estratégico impor um governo dos organismos dos trabalhadores e do povo, apoiado no armamento geral da população, para destinar os recursos do país a atender às necessidades mais urgentes do povo e reconquistar a independência do país, expulsando as multinacionais que Kadafi permitiu que regressassem à Líbia. Tarefas que só poderão ser cumpridas em unidade com os trabalhadores e os povos de toda a região.

O povo líbio aprendeu com as revoluções da Tunísia e do Egito. Agora é a vez da insurreição líbia tomar a dianteira da revolução árabe. ■

*Gabriel Massa faz parte da direção da LIT-QI. Este texto é parte da revista Correio Internacional nº 4, 2011.

Fora as mãos imperialistas da Líbia!

Pelo triunfo da resistência na Líbia, abaixo Kadafi!

SECRETARIADO INTERNACIONAL DA LIT-QI

Muammar Kadafi está respondendo com violência militar à insurreição contra sua ditadura de 42 anos. A guerra civil desatada está provocando milhares de vítimas. Kadafi usa a artilharia pesada e a aviação contra as cidades e os bairros da capital, que ainda está em suas mãos. O ditador não está utilizando sua máquina militar só contra as massas que se armaram, mas também contra a população desarmada, ao melhor estilo de Hitler.

Kadafi ameaça várias cidades com bombardeios aéreos, caso não mostrem apoio incondicional a ele. Centenas de milhares de tunisianos e trabalhadores imigrantes de outros países estão fugindo do massacre. Apesar de sua brutal resposta, a insurreição tem tomado o controle de grande parte do país, e as milícias populares estão se dirigindo à capital Trípoli para expulsar o ditador, mas ele continua realizando duros contra-ataques. Não há nada definido, mas aparentemente Kadafi está perdendo a guerra.

IMPERIALISMO

O imperialismo esteve em silêncio por vários dias desde o começo da insurreição. Mas ao ver que Kadafi não conseguiria detê-la, pediu ao ditador para não usar mais a violência e negociar com a oposição. E só agora, quando vê que a insurreição pode triunfar, está propondo que ele deixe o poder para ser julgado.

A Líbia é um importante exportador de petróleo e gás, principalmente para a Europa e os EUA. Recordemos que o imperialismo, particularmente o europeu, sustentou por anos o regime de Kadafi. O ditador e sua família são parte da burguesia europeia, pois estão unidos a ela em múltiplos negócios. Em todos estes anos ninguém exigiu nenhuma medida de democratização nem que ele deixasse de reprimir e torturar.

Diante da força da insurreição, o imperialismo tem sido obrigado a se diferenciar de Kadafi, esperando encontrar uma solução negociada. No Egito o imperialismo tem seus colaboradores diretos no exército, que ficou intacto, e está tentando desmobilizar as massas para manter os pactos que unem o país ao imperialismo e assegurar a existência de Israel.

Ao se encontrar intacta a principal instituição do Estado burguês (o exército financiado há anos pelos EUA), o imperialismo não chegou a propor nenhuma intervenção armada no Egito.

Manifestantes do Leste da Líbia já levantam cartazes contra a intervenção dos EUA

Além disso, ele percebe que no Egito a oposição ao regime não propõe a destruição desse exército. Ou seja, a situação egípcia é bem diferente da Líbia.

Na Líbia o exército foi destruído. Parte dos soldados e oficiais desertou, passando para o lado da insurreição. Não é uma divisão do exército onde há duas partes intactas. Ao lado de Kadafi, estão principalmente os mercenários estrangeiros com bons salários. A outra parte está dissolvida, os revoltosos. No lado da insurreição, milhares de pessoas tomam as armas do exército se organizando para acabar com a ditadura. A essas milícias armadas estão se unindo soldados e oficiais.

PERIGO PARA OS EUA

Políticos que ocupavam cargos no governo e diplomatas têm rompido com Kadafi. Muitos deles levaram toda a vida ao lado do ditador e só o abandonaram após a brutalidade de seu chefe diante das manifestações. Quando apareceram tentando montar um governo provisório, como fez o ex-ministro da Justiça de Kadafi, foram imediatamente desautorizados pela resistência.

Eis o verdadeiro problema enfrentado pelo imperialismo: a revolução pode derrubar Kadafi, destruir o exército, o povo se armar, mas não há clara oposição burguesa pró- imperialista.

Nestas condições, uma vitória das massas põe em perigo todo o controle imperialista de uma região sacudida pelo turbilhão revolucionário. Por isso, o imperialismo começou a intervir.

Se realmente o imperialismo desejasse ajudar a resistência, teria entregado armas a ela. Mas o que o imperialismo quer é impedir o triunfo das massas líbias e impedi-las de controlar o país.

O repúdio internacional ao massacre de Kadafi é utilizado pelo imperialismo para justificar uma intervenção armada. Esta intervenção militar já começou: barcos de guerra dos EUA estão situados na costa da Líbia. Obama e Clinton estão planejando o fechamento do espaço aéreo do país em nome da ONU. Isso significaria que os aviões da Otan poderiam entrar na Líbia para destruir a aviação com o argumento de "proteger" a população civil de bombardeios.

O imperialismo, principalmente os EUA, começou a fazer declarações chamando a comunidade internacional a intervir para evitar um banho de sangue. Também está agitando o fantasma de que a Al Qaeda possa controlar zonas do país – mesmo argumento usado por Kadafi. Com essas declarações o imperialismo quer justificar o envio de soldados da ONU para "garantir a paz".

Portanto, a ocupação da Líbia não está descartada e pode se utilizada num cenário de uma longa guerra civil neste país, ou quando Kadafi cair e a crise levar a um vazio de poder. Caso o imperialismo consiga levar a cabo uma ocupação, a Líbia poderá ser uma nova colônia como é o Haiti, hoje controlado por tropas a serviço do imperialismo.

Frente à intervenção militar imperialista na Líbia devemos saudar a iniciativa da resistência, que deixou claro que não vai aceitar nenhum tipo de intervenção. Em Bengasi, quando a resistência escutou as declarações de Hillary Clinton, grandes cartazes apareceram dizendo que não querem a intervenção dos EUA.

Para acabar com Kadafi os líbios podem e devem contar com a ajuda de todo o povo árabe, antes que o imperialismo possa intervir para impedir sua vitória. Há uma grande solidariedade vinda da Tunísia e do Egito. Agora é necessária a insurreição, além de alimentos e medicamentos, e também armas e munições para que se organizem milícias armadas árabes, desde o Egito e a Tunísia, para combater junto a seus irmãos líbios.

REPUDIAR INTERVENÇÃO

O triunfo da revolução na Líbia vai ser uma grande vitória da revolução árabe, que dará novo impulso às revoluções em curso e seguramente produzirá novas mobilizações em outros países. Pelas suas características, bem mais profundas ao destruir ao exército, a revolução líbia pode impulsionar a revolução árabe, pondo em questão o controle imperialista da região e, especialmente, os governos e regimes que tentam estabilizar seus países depois da queda dos ditadores.

Os trabalhadores e os povos do mundo devem estar ao lado da revolução líbia, contra a ditadura de Kadafi, e impedir que o imperialismo possa invadir este país. É necessário desmontar a campanha realizada nos países imperialistas que tenta justificar uma intervenção militar. É preciso se mobilizar contra os governos que preparam os planos de ocupação. Devemos nos mobilizar em todos os países contra os planos imperialistas de derrotar a revolução do povo líbio! Pelo triunfo da resistência! Viva a revolução líbia! ■

Ortega, Kadafi e Fidel. Foto antiga

Os amigos de Kadafi

Castro e Ortega apoiam o líder líbio, e Dilma Rousseff se nega a repudiar o massacre

Liga Internacional dos Trabalhadores - Quarta Internacional (LIT-QI)

No dia 21 de fevereiro, o líder cubano Fidel Castro emitiu uma declaração com o título "O plano da Otan é ocupar a Líbia", apoiando, assim, as afirmações do próprio Kadafi. O que mais chama a atenção nesta declaração é que Fidel sequer menciona a brutal repressão contra o povo líbio. Em vez disso, explica que o imperialismo, em particular o norte-americano, tem seus olhos nas reservas de petróleo da Líbia e, por isso, promove a ocupação militar.

Disse Fidel: "O que para mim é absolutamente evidente é que o governo dos Estados Unidos não se preocupa em absoluto com a paz na Líbia, e não vacilará em dar à Otan a ordem de invadir esse rico país, talvez em questão de horas ou poucos dias". E agrega: "Uma pessoa honesta estará sempre contra qualquer injustiça que se cometa com qualquer povo do mundo, e a pior delas, neste instante, seria guardar silêncio ante o crime que a Otan se prepara para cometer contra o povo líbio".

Em outras palavras, com a justificativa de um suposto perigo de uma iminente invasão da Otan, Fidel apoia o ditador Kadafi que está massacrando seu próprio povo.

Já as palavras de Daniel Ortega, presidente da Nicarágua, não necessitam de comentário algum. A agência Europa Press o cita: "'Eu me comuniquei por telefone com ele (Kadafi), logicamente ele está levando novamente uma grande batalha', comentou Ortega, em declarações citadas pelo portal oficial nicaraguense El 19. (...) O mandatário transmitiu ao líder líbio a 'solidariedade do povo nicaraguense', assim como de seu partido, a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN)."

Já Dilma Rousseff estreou seu governo se negando a condenar a repressão genocida do ditador líbio.

Estes dirigentes apoiam Kadafi ou se negam a denunciar o massacre. Nós, ao contrário, estamos com os que no Egito, na Tunísia e em outros países do mundo se mobilizam em apoio à grande insurreição líbia pela queda do regime.

- Abaixo a ditadura de Kadafi!
- Pare a repressão genocida!
- Todo apoio aos trabalhadores e ao povo líbio!

Os trabalhadores e o povo, em sua luta para derrotar a ditadura de Kadafi, estão sofrendo uma repressão genocida. A classe operária e os povos do mundo devem atuar já em apoio para frear a repressão e acabar com a ditadura.

A Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI) convoca a mais ampla unidade de ação de todos os setores neste sentido. Em particular, chamamos as centrais operárias e as organizações populares a exigir de todos os governos, inclusive dos que se pronunciaram em apoio a Kadafi ou se calaram frente à repressão, que rompam relações imediatamente com a ditadura líbia.

Kadafi entregou a Líbia ao imperialismo europeu

DIEGO CRUZ, da redação

Se durante os anos 1970 e 1980, o líbio Muammar Kadafi foi um dos principais expoentes do já falido nacionalismo árabe, nos últimos anos o ditador se tornou uma decadente caricatura de si próprio. Os conflitos com o imperialismo ficaram no passado, e o país se converteu em uma semicolônia das potências europeias, principalmente da Itália de Berlusconi.

O país se transformou na última década no paraíso das grandes multinacionais do petróleo e empreiteiras, desde Shell e BP à brasileira Odebrecht e construtoras turcas. Não é à toa que o levante contra a ditadura de Kadafi tenha levado nervosismo aos grandes executivos e elevado o preço do petróleo no mercado internacional.

DA NACIONALIZAÇÃO À ENTREGA

O então capitão Muammar Kadafi subiu ao poder após um golpe militar contra o rei Ìdris I, em 1969. Dez anos depois de o país árabe ter descoberto petróleo em seu subsolo, o que o tornou um dos países mais ricos da região. Hoje, a Líbia é o terceiro maior produtor de petróleo do continente africano, responsável por 2% da produção mundial.

Inspirado pelo presidente do Egito, Gamal Abdel Nasser, e pelo nasserismo, Kadafi pôs em prática um panarabismo nacionalista, expropriou e nacionalizou as empresas e petroleiras estrangeiras e desmontou bases militares britânicas e norte-americanas instaladas no país. Ao mesmo tempo, se aproximou de grupos como a Frente Popular pela Libertação da Palestina e ofereceu apoio até mesmo ao IRA.

Kadafi construiu um sistema político que seria um meio termo entre o capitalismo e o socialismo, influenciado pelo islamismo, que batizou de "jamahiriya", ou "Estado das massas". Na prática, impôs uma ditadura nacionalista burguesa baseada na articulação com líderes tribais.

A GUINADA

No final dos anos 90, o regime de Kadafi iniciou uma reaproximação com o Ocidente. Em 2003, se responsabilizou formalmente pelo atentado na Escócia de 1988, que matou 270 pessoas. Kadafi pagou indenização milionária às famílias das vítimas. A ONU pôs fim às sanções e abriu o país ao capital internacional. O imperialismo percebeu que não podia simplesmente dispensar as grandes reservas de petróleo do país.

A partir daí, Kadafi se aproximou dos EUA e da Inglaterra. Em 2004, o então primeiro-ministro Tony Blair assinou um acordo com o ditador chamado "Acordo no Deserto", que previa bilhões em contratos de exploração de petróleo no país. Já em 2005 a Líbia promoveu um leilão de suas reservas petrolíferas, marcando o retorno das empresas norte-americanas. Embora seja a Itália quem mais se beneficia com a guinada entreguista da ditadura líbia.

DEPENDÊNCIA

O petróleo e o gás da Líbia estão nas mãos das multinacionais. Mas foi o imperialismo europeu que avançou sobre as reservas de petróleo. Hoje, quase 80% do petróleo exportado pelo país vão para a Europa. Destes 80%, 32% vão para a Itália. Segundo a TV árabe Al Jazeera, a petrolífera italiana Eni operava 13 campos de gás e petróleo na Líbia, cuja produção chegava a 306 mil barris por dia.

Como contrapartida, o fundo soberano do país, o Libyan Investiment Authority, formado pelos recursos da venda do petróleo, é investido na Itália. Cerca de 65 bilhões de dólares da Líbia estão aplicados em ações no país de Berlusconi, como no banco Unicredit, o segundo maior da Itália, na Finmeccanica, empresa de defesa, e na própria Fiat.

Se na prática a ditadura de Kadafi já não se diferenciava sob nenhum aspecto do imperialismo, sua fraseologia ainda apresentava resquícios do velho nacionalismo. Junto a isso, o apoio de governos considerados de "esquerda" reforçavam a imagem de suposto líder anti-imperialista.

No dia 22 de fevereiro, enquanto ordenava bombardeios de aviões sobre os manifestantes, o ditador recebia uma ligação telefônica de solidariedade do presidente da Nicarágua. Já Fidel Castro afirmou em artigo que "não imagina Kadafi abandonando o país".

Da Venezuela, Chávez vem mantendo um precavido silêncio. Mas o correspondente da Tele Sur, rede de TV ligada ao chavismo, se apressou em dizer direto da capital Líbia que "estava tudo normal em Trípoli". Guiado por um funcionário de Kadafi, o correspondente disse que não havia visto "nenhum sinal de ataque de mercenários contra oposicionistas".

REVOLUÇÃO EM MARCHA

Apesar do discurso, a ditadura de Muammar Kadafi privatizou os campos de petróleo e entregou o país às grandes empreiteiras. A abertura econômica realizada pelo ditador líbio seguiu a mesma política neoliberal trilhada pelo ditador Ben Ali na Tunísia e por Mubarak no Egito. Apesar dos recursos vindos do petróleo, a desigualdade é gritante e o desemprego atinge de 30% a 40% da população.

A determinação das massas, apesar da brutal repressão da ditadura líbia, promete a Kadafi o mesmo destino dos outros dois ditadores.

KADAFI E BERLUSCONI. A Itália é a maior beneficiada com o entreguismo de Kadafi. 80% do petróleo extraído da Líbia vai para a Europa, destes 32% vai só para a Itália. A petroleira italiana Eni opera 13 campos de gás e petróleo.

KADAFI E TONY BLAIR em 2007, três anos depois de assinarem o chamado "Acordo do Deserto", que previa bilhões em contratos para exploração de petróleo no país

Greves continuam com força no Egito

Enquanto isso, militares reprimem protestos na Praça Tahrir

Greve dos trabalhadores da iindústria têxtil

DA REDAÇÃO

A onda de greves que começou a partir das mobilizações que derrubaram Mubarak continua incomodando o governo provisório egípcio, formado pelo Conselho Supremo das Forças Armadas. No último dia 1°, novas categorias entraram em greve, enquanto outras, que já tinham parado, deram demonstrações de força. No Cairo, mais de mil trabalhadores da indústria farmacêutica realizaram um protesto exigindo melhor remuneração e condições de trabalho e de luta contra a corrupção. Os trabalhadores começaram a protestar no dia 27 de fevereiro, exigindo a demissão do conselho da companhia, composto por diretores corruptos ligados à ditadura de Mubarak, e também reivindicam contratos permanentes de trabalho.

Já na indústria têxtil, mais de 300 trabalhadores da Samuel Tex, empresa que produz roupa de cama, anunciaram uma greve para exigir o pagamento de seus salários, melhor remuneração, respeito das horas de trabalho e dias de folga, como prevê a lei. Muitos trabalhadores acusam a empresa de obrigar os trabalhadores a cumprirem jornadas de até 12 horas, sem folga.

Já os trabalhadores da maior fábrica do Egito mantêm uma forte greve, desafiando as advertências da junta militar de que não tolerará mais protestos. Mais de 15 mil trabalhadores da Companhia Fios e Tecidos do Egito, que emprega 24 mil pessoas na cidade de Al-Mahalla al-Kubra, no delta do Nilo, realizaram um protesto em frente à administração da empresa, segundo o Centro de Sindicatos e Serviços dos Trabalhadores (CSST).

Como em outras greves, uma das principais exigências é a saída do corrupto presidente da empresa, indicado por Mubarak. No entanto, o governo militar já declarou que as greves prejudicam a segurança nacional e não serão toleradas, após duas advertências mais suaves emitidas previamente: "O Conselho Supremo das Forças Armadas não permitirá a continuação de tais atos ilegais que constituem um perigo para a nação e os enfrentará tomando medidas legais para proteger a segurança da nação."

A greve dos trabalhadores tinha sido suspensa após a renúncia de Mubarak, mas recomeçou no dia 16 de fevereiro, com os trabalhadores reivindicando melhores salários e uma nova administração. Outras categorias também seguem em greve, como professores e carteiros.

MILITARES REPRIMEM PROTESTOS

No último dia 25, soldados egípicios promoveram a mais violenta repressão contra manifestantes antirregime desde a queda de Mubarak. O ataque militar foi dirigido contra milhares de opositores que voltaram a se reunir na Praça Tahrir. Soldados investiram contra ativistas após a meia-noite de anteontem, atirando para o ar e batendo nos que se recusavam a deixar a praça. Apesar da queda do ditador, manifestantes continuaram protestando todas as sextas-feiras na praça símbolo da revolução. O objetivo é manter o governo provisório sob pressão para que atenda as reivindicações da revolução. Além disso, há muita insatisfação com a junta militar, acusada de "trair a revolução" por manter ministros remanescentes de Mubarak. As greves são uma ameaça à política contrarrevolucionária do governo.

A mobilização revolucionária deve avançar para atingir as reivindicações. Esse é o único caminho para destruir completamente o regime e abrir caminho para a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte, dissolução dos organismos repressivos, eleições livres e fim do pacto com Israel. ■

Servidores públicos apontam greve e mobilizações contra plano de arrocho de Dilma

Técnicos administrativos das universidades federais cruzam os braços a partir de 28 de março

DA REDAÇÃO

No pacote de ataques promovidos pelo governo Dilma neste início de mandato, os serviços públicos e o funcionalismo são o alvo preferencial. Entre as medidas anunciadas para concretizar o corte de R$ 50 bilhões anunciado no ajuste fiscal do governo, está a suspensão de concursos públicos e nomeações e o congelamento salarial dos servidores, o que vai aprofundar a precarização do setor e a defasagem salarial.

GREVES E MOBILIZAÇÕES

A categoria, porém, não vai esperar de braços cruzados pelo desmonte dos serviços públicos. No dia 16 de fevereiro, uma marcha unificada do funcionalismo reuniu cerca de 5 mil pessoas em Brasília, de diversos setores e centrais, como CSP-Conlutas, CUT, CTB e Intersindical, marcando o início da campanha salarial 2011.

Em seguida, as entidades do funcionalismo se reuniram em um fórum para discutir os próximos passos da resistência aos planos do governo Dilma. "Logo na segunda quinzena de março os servidores vão à luta, a Fasubra, por exemplo, já tem indicativo de greve a partir do dia 28", afirma Paulo Barela, da Secretaria Executiva da CSP-Conlutas. A Fasubra reúne os sindicatos dos servidores técnicos administrativos das universidades federais e, além do arrocho, luta contra o avanço da terceirização e da privatização das universidades.

"Para o dia 13 de abril definimos um grande ato em Brasília contra a política de congelamento salarial do governo e pela reposição das nossas perdas no último período", explica Barela. As bandeiras dos servidores devem incluir ainda a luta em defesa das aposentadorias, contra uma nova reforma da previdência e por uma verdadeira valorização do salário mínimo.

O plano de lutas prevê ainda, em abril, uma jornada de manifestações nos estados no dia 28.

Marcha unificada dos servidores no dia 16 de fevereito e protestos no senado dia 23 contra o reajuste para 545 reais

CSP-Conlutas protesta contra o salário mínimo de R$ 545 de Dilma

Reunião ampla com CSP-Conlutas, Intersindical, Cobap, MTST e outras entidades reafirma agenda unitária

DA REDAÇÃO

Enquanto o governo aprovava o salário mínimo de R$ 545 no Senado, com a maioria esmagadora dos votos, ativistas da CSP-Conlutas protestavam na galeria do plenário contra esse reajuste que sequer garante a reposição da inflação dos últimos 12 meses.

O governo Dilma não só impôs o novo valor do mínimo, como fez questão de fazer isso de forma massacrante. Fez ameaças à base aliada e ofereceu uma série de cargos. Até mesmo o senador Paulo Paim (PT), que tem no salário mínimo e nos aposentados o centro de seu discurso, votou com o governo.

A CSP-Conlutas, porém, não deixou barato e marcou presença na votação. Com camisetas e cartazes, os ativistas denunciavam o aumento imoral de 62% nos salários dos parlamentares, enquanto o salário mínimo era corrigido em míseros 6%. "Se eles têm dinheiro para pagar mais de R$ 10 mil por mês para cada deputado e senador, por que não têm para pagar mais R$ 300 no salário mínimo?", questionou Atnágoras Lopes, da direção da CSP-Conlutas, fazendo referência ao índice de aumento dos parlamentares.

UNIDADE

Já no dia 24, cerca de 300 pessoas se reuniram em Brasília numa plenária convocada pela CSP-Conlutas com outras organizações como FST (Fórum Sindical de Trabalhadores), Intersindical, Cobap, MTST e várias entidades sindicais e populares. O objetivo do evento foi traçar uma perspectiva de luta para o movimento diante dos ataques previstos pelo governo Dilma.

A plenária reafirmou a necessidade de mobilização imediata das entidades, articulando as agendas específicas com as questões mais gerais. Aprovou-se a participação no ato nacional em Brasília no dia 13 de abril e manifestações nos estados no dia 28 do mesmo mês. ■

*Com informações da CSP-Conlutas.